Textos
Viviane Juguero
Ilustrações
Ricardo Machado

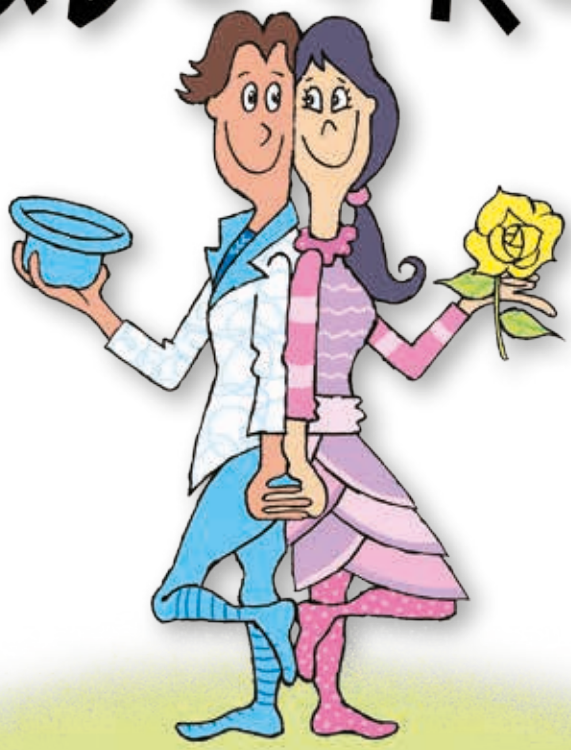
Canto de Cravo e Rosa

Libretos

Textos
Viviane Juguero

Ilustrações
Ricardo Machado

Canto de Cravo e Rosa



Porto Alegre, 2009

Libretos

Autora
Viviane Juguero

Ilustrações
Ricardo Machado

Design Gráfico
Clô Barcellos

Revisão
Sandra Juguero

Assessoria na Redação Final de Versos
Jorge Rein

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação:

J95c Juguero, Viviane

Canto de Cravo e Rosa. / Viviane Juguero; ilustrações [de] Ricardo Machado. – Porto Alegre: Libretos, 2009.

47p. : il; 23cm.

ISBN 978-85-88412-28-6

1. Educação infantil. 2. Teatro. 3. Contos. I. Machado, Ricardo. II. Título.

CDD 370.157

(Bibliotecária Daiane Schramm – CRB-10/1881)

Proibida a reprodução sem expressa autorização da Editora Libretos

Libretos

www.libretos.com.br
libretos@terra.com.br
Rua Pery Machado 222B/707. Porto Alegre/RS. CEP 90130-130

51.3233.3804

© 2009 – Libretos, Estúdio Quixote e Delta V Produções.

Co-realização

Patrocínio Cultural

Apoio

Para

Henrique,
Mariana,
Júlia,
Shayanne,
Ramiro,
Miguel,
Guilherme,
Aurora,
Mateus,
Arthur,
Lucas,
Anderson,
Larissa,
Pedro,
Pablo,
Thales,
Rodrigo,
Kayan,
Yuri,
Mairê,
Érica,
Yoli,
Kauã,
João Pedro,
Artur,
Bernardo,
Gabriel
e ex-alunos da Prof. Vivi...

Fio de histórias
Fio da vida
Laço, cordão
Henrique enriquece nossa teia
Fios de luz

...para Clara,
Luísa e Dionísio,

...e também para
todas as crianças
que sabem que
nada é mais real
do que
o mundo
do faz de conta.

Aos pais e professores

Canto de Cravo e Rosa é um texto para teatro. Foi construído a partir de referências de diversas manifestações do universo popular: cantigas e brincadeiras folclóricas, fábulas, folguedos, contos e quadrinhas. O trabalho pretende encantar, divertir e valorizar os laços de identidade existentes entre as crianças e a cultura de seu povo. As canções são um elo de identificação entre diversas gerações.

Viviane Juguero buscou em sua ampla experiência com arte para educação infantil, o material necessário para desenvolver um trabalho que instigue a criança, convidando-a a participar ativamente na construção da história. Dessa forma, as ações dos personagens são apresentadas em versos, possibilitando a interação das crianças em trabalhos em grupo, junto aos pais e aos professores. As cenas são apresentadas em capítulos, propiciando que o trabalho seja realizado em um período de tempo prolongado, ao lado de diversas outras atividades relativas ao tema.

A leitura de um texto dramático é uma experiência particular, pois o encadeamento rítmico da ação propicia um envolvimento diferenciado do leitor com a obra. Além disso, existe a possibilidade de o texto ser utilizado para novas montagens feitas por profissionais das artes cênicas, ou por professores, em sala de aula, como exercício teatral e para instigar brincadeiras de faz de conta.

Como toda a fábula traz uma mensagem, o texto propõe uma reflexão sobre as limitações e habilidades de cada um, ressaltando a importância da diversidade e valorizando as características individuais dentro do coletivo.

Apreciem e experimentem...

Os editores

Quem quer pintar?

Aqui, ao lado.

Cenário:

Um jardim

Personagens:

Cravo, Rosa, Aranha, Sapo, Grilo, Joaninha, Vagalume, Mosquito, Formiga e Borboleta

PSIU!!

DICA super-hiper-importante!!!

Descubra, nos versos, nas folhas amarelas,
o que os personagens estão fazendo!

Cena 1

Canto de Amor

Cri-cri, zum-zum.
Todo o dia é assim.
Blém-blém, tum-dum,
Rá-tá-tá, nhec-fum,
Tu-ru-ru, plim, plim,
Coro e banda no jardim.

Joaninha ao violão,
Grilo solta o gogó.
Mosquito? Na percussão.
E as formigas bailarinas,
Elegantes, todas finas,
Dançam alegres num pé só.

Já chegou a Borboleta,
Arrasando na caixeta.
E vem junto o vagalume,
Abre-alas de costume.
Sapateia a centopeia,
Estremece toda a terra,
Sua dança nunca erra,
Encantando a Azaleia.

Pois, por se falar em flor,
Sempre coisa tão formosa,
Bate forte o coração.
Senhor Cravo e Dona Rosa,
Cor, perfume e amor,
Revelados em canção.

Cravo – Pirulito que bate, bate,
Pirulito que já bateu,
Quem gosta de mim é ela,
Quem gosta dela sou eu.

Rosa – Pirulito que bate, bate,
Pirulito que já bateu,
Quem gosta de mim é ele,
Quem gosta dele sou eu.

Um canto que o amor comanda,
Contagia o grupo inteiro.
Todo mundo em uma banda,
Fica alegre e faceiro.
Mas tem sempre um descontente,
Que quer tudo diferente.

A Aranha Venenosa
Calou flor e bicharada.
Por achar ser poderosa,
Faz um solo de doer.
Com sua voz desafinada,
Põe todo o bando a correr.

Aranha – Piruli...iiiito que ba...aaate-bate...ee
Piru...uulito que já...áá bate...eeu
Quem gosta...aa de mim é e...eeeela..aaa
Quem go...oosta de mim são... vo...êêês!

Aranha – Onde estão as palmas? Ficaram pasmos de admiração e não conseguem nem se mexer! Obrigada, obrigada. Agora, outra canção. Todos bem quietos, prestando a maior atenção, porque, senhoras e senhores: que rufem os tambores! Com vocês a maravilhosa, a geniosa, a poderosa Aranhosa! *(Começa a cantar.)* Fui no Itoro...ooró...óóó bebe...eer á...á..água e não a...a...achei...iii...

Todos os insetos – Chega!!!

Grilo – Que coisa mais horrível!

Mosquito – Ela precisa aprender a cantar!

Joaninha – Onde estão o Cravo e a Rosa, que estavam cantando tão bem?

Borboleta – Estão no canto do jardim.

Formiga – Vamos para lá!

Todos – Vamos! Vamos!

Cravo todo apaixonado,
Para Rosa, a sua flor,
Dedica, em verso afinado,
Sua declaração de amor.
Ele de terno e gravata,
Ela um pouco encabulada,
Feliz e maravilhada,
Com tão bela serenata.

Cravo – Você gosta de mim, ó maninha?

Rosa – Sim! Sim! Sim!

Cravo – Eu também de você, ó maninha!

Rosa – Quanta elegância!

Cravo – Vou pedir a seu pai, ó maninha!

Rosa – O quê?

Cravo – Para casar com você, ó maninha!

Rosa – Que lindo!

Cravo – Se ele disser que sim, ó maninha,
Tratarei dos papéis, ó maninha.
Se ele disser que não, ó maninha,
Morrerei de paixão, ó maninha.

O jardim se delicia,
Com essa cena singela.
Que arranjo! Que harmonia!
Não é amor de meia-tigela,
Todo o povo em cantoria,
Em homenagem à donzela.

Todos – Palma, palma, palma, maninha,
Pé, pé, pé, ó maninha,
Roda, roda, roda, maninha,
Abraça quem quiser.

Joaninha – Muito bem!

Grilo – Assim, dá vontade de cantar o dia inteiro.

Rosa – Vamos cantar mais uma música?

Grilo – Claro! Qual?

Formiga – Vamos cantar sambalelê!

Todos – Sambalelê tá doente,
Tá com a cabeça quebrada,
Sambalelê precisava,
De umas dezoito lambadas.
Samba, samba, samba, ô Lelê,
Samba, samba, samba, ô Lalá,
Samba, samba, samba, ô Lelê,
Pisa na barra da saia , ô Lalá.

Joaninha – Ó Morena bonita,
Como é que se namora?

Rosa – Põe o lencinho no bolso,
Deixa a pontinha de fora.

Grilo – Ó Morena Bonita,
Como é que se casa?

Rosa – Põe o véu na cabeça,
Depois, dá o fora de casa.

Formiga – Ó Morena bonita,
Como é que se cozinha?

Rosa – Bota a panela no fogo,
Vai conversar com a vizinha.

Cravo – Ó Morena bonita,
Onde é que você mora?

Rosa – Moro na praia formosa,
Digo adeus e vou embora.

Todos – Samba, samba, samba, ô Lelê,
Samba, samba, samba, ô Lalá,
Samba, samba, samba, ô Lelê,
Pisa na barra da saia , ô Lalá.

Cena 2
A Tramoia

A Aranha, roxa de inveja,
De raiva, teve um acesso.
Ao ver tamanho sucesso,
Das flores e suas cantigas,
Pensa em maldades, planeja,
Tece sua teia de intrigas.

Vai à procura do Sapo,
Que tem fama de guloso,
Por um petisco gostoso,
Bobão, cai logo no papo.

Aranha – Ah, se eu pego esses dois! Eles cantam tão meloso que eu chego a ficar melecada! Esse pessoal não entende nada de música! E o pior é que eles ainda resolvem cantar junto. Fica uma bagunça. Eu sou muito mais moderna, mais ousada.

Sapo – Mais desafinada.

Aranha – O quê?

Sapo – Nada não, Dona Aranha. É que a senhora é muito irritadinha e acaba ficando com uma voz meio estranha quando canta. Já o Cravo e a Rosa, como estão apaixonados e tranquilos, ficam com uma voz tão suave...

Aranha – Ai, ai. Suave? Eu vou inventar alguma coisa pra acabar com esse namoro e com essa cantoria sem graça. E, então, vou ser reconhecida pelo público e pela crítica.

Sapo – Dona Aranha, eu quero ouvir a senhora cantar. Venha cá, bem pertinho do meu ouvido.

Aranha – Verdade? Mas eu prefiro cantar daqui mesmo. A minha voz é muito potente. *(Canta.)* Tutu marambá...ááá, não ve...eenha mais cá...ááá...

Sapo – Não! Não! Pare. Quer dizer, não estou conseguindo escutar a senhora, sou meio surdo. Por favor, chegue bem pertinho de mim.

Aranha – Já sei. Eu vou cantando e me aproximando. Quando estiver bom de escutar, o senhor me avisa e eu paro.

Sapo - Eu prefiro que a senhora se aproxime, fique bem pertinho, e depois comece a cantar.

Aranha – Ah, não! Eu começo aqui e vou me aproximando. O senhor vai ver que é bem melhor. *(Canta.)* – Ro...ooda...aa cuti...iia...aa, de no...ooi...iite...ee e de di...iia...aa...

Sapo – Chega!!!!!! Desisto! Eu não vou aguentar isso muito perto e nunca vou conseguir comer essa aranha nojenta!

Aranha – O quê? O senhor só queria me devorar! Achou que eu ia cair nessa, seu sapo boboca?

Sapo – Ai, que fome! Eu sou boboca mesmo. É só um inseto se aproximar de mim, que eu começo a bater papo e nunca consigo comê-lo! Ai, como eu queria comer uma mosquinha bem gordinha!

Aranha – Hum... Tive uma ideia! *(meiga)* Seu sapo... seu sapinho...
Sa...aapo curu...uuru...uu, na bei...iira do rio...oo,
Quando o sa...aapo ca...aanta mani...iiinha, é porque...
eestá fri...iio...oo
A mulhe...eer do sapo...oo, deve tá lá...áá de...eentro
Fa...aazendo rendi...iinha, mani...iinha para o casa...
aamento

Sapo – O pior é que não está. Eu sou solteirão.

Aranha – Mas o senhor é um sapo tão apessoado, tão bonitão!

Sapo – É. Mas eu não tenho ninguém pra me ajudar a conseguir mosquinhas pra encher minha barriga...

Aranha – Ah, mas se o problema é esse, eu tenho a solução! Eu conheço um segredo para fazer com que vários insetos se aproximem do senhor. Eles vão chegar zonzos e encantados por um perfume. Aí, nenhum vai puxar assunto e sua refeição estará na mesa! O senhor só precisa conseguir ter o mesmo cheiro da Rosa.

Sapo – Mas isso é impossível! Eu sou um sapo!

Aranha - Eu conheço uma mágica que vai fazê-lo ficar com o mesmo perfume da Rosa pra sempre! A mágica é a seguinte: O senhor pede para a Rosa lhe dar um beijo e, quando ela o beijar, diga, bem alto: "Que bom ganhar um beijo desse todo o dia!" E está feito o feitiço. O senhor fica perfumado como a Rosa, os insetos se aproximam e... Nhac! O senhor mata a sua fome!

Sapo – Será que vai dar certo?

Aranha – É claro que vai. Mas não se esqueça, é preciso dizer: "Que bom ganhar um beijo desse todo o dia!", bem alto. Bem alto, hein? Ah! Não diga a ela que isso é uma mágica. Se ela souber, o feitiço não funciona. Converse com a Rosa embaixo do arbusto roxo, que eu já vou lá ver se deu certo, está bom?

Sapo – Está bem. Tentar não custa nada. Até mais, dona Aranha. Até mais. *(Sai.)*

Aranha – Claro, seu sapo. Vá com fé que vai dar certo. Rá, rá, rá! Agora me dei bem. Vou correndo contar essa história de beijo pro Cravo. Ele vai morrer de ciúme, vai acabar com esse namoro idiota e com essa cantoria melosa.

Cena 3
A Intriga

Grilo, Cravo e Joaninha
Divertindo-se ao violão,
Cada um cria uma linha,
Todos juntos, dá um refrão.

Grilo – Aqui está: pena e caneta.

Joaninha – Terezinha de Jesus...

Cravo – Caiu no chão. Aí vieram três homens...

Joaninha – Três cavalheiros!

Grilo – De chapéu na mão.

Cravo – Ficou joia. Dá o tom.

Com letra bem caprichada
E ritmos tão legais,
As formigas, na toada,
Abalam nos vocais.

Todos –

Terezinha de Jesus, numa queda foi ao chão.
Acudiram três cavalheiros, todos os três chapéu na mão.
O primeiro foi seu pai, o segundo, seu irmão;
O terceiro foi aquele que a Teresa deu a mão.
Da laranja quero um gomo, da maçã quero um pedaço.
Da morena mais bonita, quero um beijo e um abraço.

Espreita escondida
A Aranha atrevida,
Prevendo o estrago
No peito do Cravo,
E a Rosa, abalada,
Não vai entender nada.

Cravo – Quem me dera, quem me dera, um cavalinho de vento, para dar um galopinho aonde está meu pensamento. Que felicidade! Daqui a pouco, vou encontrar a minha amada!

Aranha – Coitado! Parece que a tua amada está amando outro...

Cravo – Ah, és tu, sua venenosa? Para de inventar história!

Aranha – Ah, é, é? Tu achas que é mentira? Pois eu fiquei sabendo que a tua namorada só está esperando o sapo virar príncipe pra te largar. Todo o dia ela dá um beijo no sapo pra ver se ele se transforma. Se isso acontecer, ela te larga e fica com ele.

Cravo, Joaninha e Grilo – Mentirosa!

Aranha – Não acreditam? Pois vejam com seus próprios olhos. Vamos ali no arbusto roxo agora mesmo.

Cravo – Tudo bem. Vou olhar minha amada de longe, só para provar que essa Aranhosa está mentindo.

O Sapo, bem disfarçado,
Confiando no tal feitiço,
Vai soltando o palavreado,
Mas a Rosa não dá ouvidos.
Verde de fome, o coitado,
E ela, negando o pedido.

Sapo – Eu sou pobre, pobre, pobre de marré, marré, marré.

Rosa – Eu sou rica, rica, rica de marré de si.

Sapo – Eu sou pobre, pobre, pobre de marré, marré, marré.

Rosa – Eu sou rica, rica, rica de marré de si.

Sapo – Vim aqui para pedir seu amor e seu carinho,
Vim aqui para pedir um gostoso dum beijinho.

Rosa – Um beijinho eu não dou, nem por ouro,
Nem por prata, nem por sangue de lagarta!

O Cravo faz pouco caso da Aranha.

Cravo – Viu só, Venenosa?

Aranha – Espere mais. Eles continuam conversando.

Cravo – Nem me importa o que conversam. Eu confio na Rosa. Não estou nem aí.

Rosa e sapo conversam, sem saber que são observados.

Sapo – Pô, Dona Rosa. Não tem nada de mal. Se a senhora é rica de alegrias, eu, de felicidade, sou muito pobre! Não ganho carinho de ninguém. Se eu ganhar um beijinho de uma amiga, vou ficar mais contente.

Rosa – Está bem. O senhor é um sapo legal.

Sapo – Que bom ganhar um beijo desse todo o dia!

Cravo, Joaninha e Grilo – Todo o dia?

Murcha o Cravo, e os amigos,
Que também acham "o fim",
Choram de tão comovidos,
Prantos de aguar o jardim.

Aranha – Viu, só? Agora me agradeça! Que vergonha! Todo o jardim já sabia, menos o senhor.

Cravo – Oh! Como sofre meu pobre coração. A minha amada, a minha flor de formosura, me enganando, enchendo meu peito de desgosto.

Com o coração partido,
E o orgulho abalado,
O Cravo não vê sentido,
Em continuar o noivado.

Cravo – O anel que tu me deste era vidro e se quebrou.

O amor que tu me tinhas era pouco e se acabou.

A Rosa não compreende.

Rosa *(canta)* – Laranjeira pequenina
Carregadinha de flores,
Eu também sou pequenina
Carregadinha de amores.

Cravo – E ainda confessa? Além de mim e desse sapo, quantos amores mais?

Rosa – Cravo, todos os meus amores são só para ti!

Cravo – Eu vi tudo. Já sei que estás tentando transformar o sapo em príncipe, para me abandonares depois.

Rosa – Não é nada disso. Meu amor, está havendo um mal-entendido! Eu te amo!

Cravo – Não, não e não. Sente o meu coração aquilo que esses olhos já viram! Tudo está acabado, Rosa. Tu não me amas!

Do ciúme, foi feita a ferida.
Na canção, a despedida.

Rosa – Como pode um peixe vivo
Viver fora da água fria?

Cravo – Como pode um peixe vivo
Viver fora da água fria?

Rosa e Cravo – Como poderei viver,
Como poderei viver,
Sem a tua,
sem a tua,
Sem a tua companhia?

O Cravo e a Rosa se afastam e vão embora.

Cena 4

A Vitoriosa e o Arrependido

A discussão logo esquenta,
E insetos, em alvoroço,
Vêm ver o Sapo, que tenta,
Da Aranha, agarrar o pescoço.

Aranha – Rá! Rá! Rá! Agora sou a única cantora deste jardim. Pobre Rosa! Pobre Cravo!

O Cra...aavo brigou com a Ro...oosa deba... aaixo de uma saca...aada

O Cra...aavo saiu feri...iido e a Ro...oosa despeta...aala...aada.

Sapo – Snif. Snif. Buá. Buá. Que tristeza! Toda essa confusão só porque eu sou guloso. O coitado do Cravo não entendeu que caranguejo não é peixe.

Aranha – Rá rá rá rá! Caranguejo é peixe sim!
Carangue...eejo não é...éé pei...iixe. Ca... aarangue...eejo pei...iiixe é...éé.
Ca...aaranguejo só é...éé pei...iixe na...aa enche...eente...ee da...aa ma...aaré...éé!

Sapo – E eu nem fiquei perfumado como a Rosa!

Aranha – Mas tu és boboca mesmo, hein? Acreditar numa história furada dessas. Faça-me o favor!

Sapo – Sua vigarista! Eu vou te devorar, patinha por patinha.

Aranha – Que vai nada, sapo bobo! Do jeito que tu és, preguiçoso, quando chegares aqui onde estou, já dei três voltas no jardim.

Sapo – Eu te pego, sem-vergonha!

Aranha – Ai,ai, ai, que medo! Rá! Rá! Rá!

Sapo – Vou te transformar num mingau de aranha. Te peguei!

Aranha – Socorro! Socorro! Esse sapo cruel quer me devorar!

Vagalume – Solta ela, seu malvado.

Mosquito – Ele está sempre querendo comer a gente!

Borboleta – É mesmo, não tem coração.

Sapo – Mas eu preciso me alimentar, senão eu morro.

Aranha – Enganando teus próprios amigos? Não tens vergonha?

Sapo – É que eu tenho que fazer tudo sozinho. Não tenho ninguém para me ajudar.

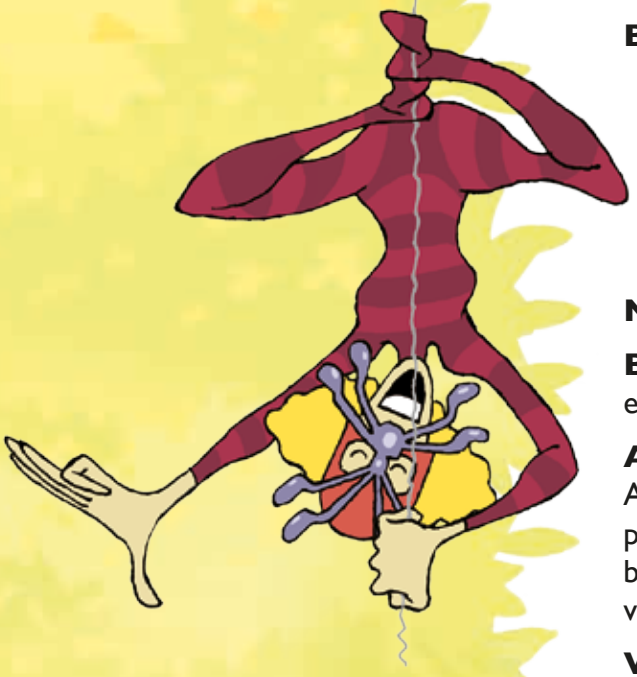
Aranha – Também, quem é que vai querer chegar perto de ti? Nem banho tu tomas.

Mosquito – E mora na lagoa!

Grilo – Mas não lava nem o pé.

Todos – O sapo não lava o pé,
Não lava porque não quer.
Ele mora lá na lagoa.
Não lava o pé porque não quer.
Mas que chulé!

O sapo, enganado,
Pegou fama de malvado.
Sem comida e sem amigo
Vai embora, abatido.



Cena 5
O Fracasso

Aranha – Agora o sapo sai com essa cara de coitadinho, mas não teve pena quando pensou em acabar comigo.

Borboleta – Tudo bem com a senhora?

Aranha – Agora estou bem. Que bom que vocês chegaram! Não sei o que seria de mim se não fossem vocês. Muito obrigada.

Vagalume – Estávamos procurando o Cravo e a Rosa.

Mosquito – Queríamos escutar boa música!

Borboleta – Já andamos por tudo e nada de encontrá-los. A senhora não os viu?

Aranha – Não. Na verdade, eu também os procurava. A Rosa me pediu dicas sobre algumas canções. Já procurei por eles e não os encontrei. Com certeza, buscaram algum local para namorar sossegados, e não vamos atrapalhar, não é?

Vagalume – Que lindo é o amor!

Aranha – Bem, mas se a questão é boa música, eu posso resolver. Conheço algumas cantigas muito charmosas.

Ai bo...oota...aa aqui...ii, ai...ii bo...oota...aa ali...ii
O seu pe...eezi...iinho...oo
O se...eeu...uu pezi...iinho...oo bem junti...
iinho...oo com o me...eeu
E depo...ooi...iiss não...oo vai dize...eer
Que vo...oocê já...áá me esque...eece...eeu...uu
E depo...ooi...iiss não...oo vai dize...eer
Que vo...oocê já...áá me esque...eece...eeu...uu

A Aranha maravilhada,
Os insetos constrangidos.
Ela não percebe nada?
Será que não tem ouvidos?
Sua voz é uma piada,
Seu canto, um bambu partido.

Aranha – Obrigada. Obrigada. Nem conseguem falar de tão emocionados, não é mesmo? Mas não é preciso ficar triste. O meu repertório é muito grande. O show não acabou.

Borboleta, Vagalume, Joaninha, Mosquito e Formiga – Não!!!

Borboleta – Deixa que a gente canta uma música para a senhora.

Borboleta, Vagalume, Joaninha, Mosquito e Formiga – Escravos de jó
Jogavam cachangá.
Tira, bota,
Deixa o Zé Pereira que se vá.
Guerreiros com guerreiros
Fazem zigue, zigue, zá.
Guerreiros com guerreiros
Fazem zigue, zigue, zá.

Aranha – Está ficando bom, mas prestem atenção na minha técnica vocal e pasmem. Um dia vocês chegarão lá!

Borboleta – Muito bem, Aranhosa. Parabéns! Mas, agora, eu preciso ir andando.

Aranha – Tão cedo?

Borboleta – É que tenho uma reunião com o senhor Crisântemo e a senhorita Margarida.

Aranha – É uma pena. A senhora vai perder, pois ainda vou presenteá-los, cantando muitas músicas.

Borboleta dá tchauzinho,
Comandando a retirada.
Pouco a pouco, de mansinho,
Vai sumindo a bicharada.
E a Aranhosa fica só
Com seu canto de dar dó.

Aranha – Ati...iirei...ii o pa...aau...uu no ga...aa to...oo to...oo
Ma...aassss o ga...aa to...oo to...oo
Nã...ãão...oo mo...oorre...eeu...uu re..eeu... uu re...eeu...uu
Do...oona...aa chi...iica...aa ca...aa
Admi...iiro...oou...uu-se...ee se...ee
Do be...eerro...oo
Do be...eeee...eeeeerro...oo...ooo
Que o ga...aato...oo de...eeu...uu
Mi...iiii...iiiia...aaaaa...aaau...uuu...uuuu!

Enredada na sua teia,
Pasma de tanta surpresa,
Só resta à Aranha a certeza,
De que ficou sem plateia.

Aranha – O quê? Onde estão todos? Gente mal-educada e sem sensibilidade musical! Deixa estar, seus grosseirões. Vou fazer o maior sucesso no outro lado do jardim, e vocês ainda vão implorar para me ouvir cantar. *(Sai.)*

Cena 6
A Luta

O sapo, grande ginasta,
Salta e faz acrobacia,
Mas num salto mortal gasta,
De vez toda sua energia.
Pular um pouco é o que basta,
Pra dormir por todo um dia.

Sapo – Consegui uma mosquinha. Aqui está a minha refeição. Nhac! Hum... Tão bom! Ai, eu tenho tanto trabalho cada vez que vou buscar o que comer! Que cansaço! Vou tirar um cochilo.

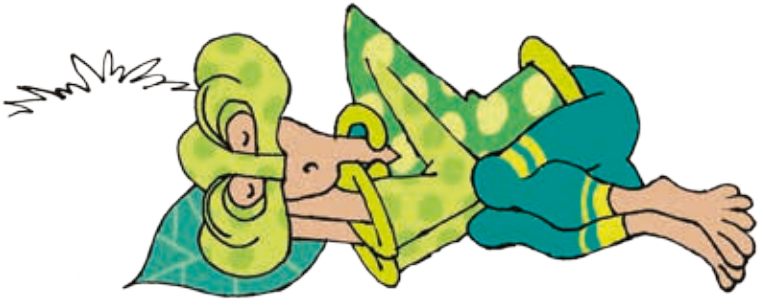
Ferrado no sono, o Sapo,
Sonha um sonho sonolento,
E nem percebe que o Cravo,
Chega entoando um lamento.

Cravo – Menina, quando tu fores,
Me escrevas pelo caminho.
Se não tiveres papel,
Nas asas de um passarinho.
Do bico faz um tinteiro,
Da língua, pena dourada,
Dos dentes, letras miúdas,
Dos olhos, cartas fechadas.

O Cravo percebe o sapo.

Cravo – Olha só quem está ali, dormindo bem tranquilo. Aquele sapo descarado! Acorde, senhor Sapo! Vamos!

Se irrita o Cravo e cutuca
O Sapo, que, ainda dormindo,
Coça o papo, coça a nuca,
Faz um biquinho, sorrindo.



Cravo – Eu poderia aproveitar que o senhor está dormindo e acabar com a sua raça, mas tenho honra e coragem. Levante e lute!

Se vira em sonhos, o Sapo,
E acerta um golpe no Cravo,
Que está cada vez mais bravo,
Sem querer saber de papo.
Xinga, berra, pinta e borda,
E o Sapo não acorda.

Cravo – Golpe baixo! Sapo ignóbil. A sua sorte é que sou um cavalheiro e não agrido alguém que esteja com os olhos fechados. Vamos, encare essa luta!

Quando um não quer, não sai briga,
Diz um antigo ditado.
Dormindo, o Sapo não liga,
E o Cravo fica danado.

Cravo – Covarde! Não tem coragem de olhar aquele que vai destruí-lo? Afinal, o senhor é um sapo ou uma mosca?

É só falar em comida,
Que o Sapo pula na hora.
Preguiça fica de fora,
Quando quem manda é a barriga.

Sapo – Mosca! Mosca! Onde tem mais mosca? Dá uma para mim?

Cravo – Seu hipócrita! Agora resolveu rir da minha cara? Prepare-se para virar um sapo roxo!

Sapo – Mas eu sou verde!

Cravo – Depois do que eu vou fazer, tu vais mudar de cor!

Sapo – Não, Cravo, por favor!

Cravo – Agora pede clemência? Por que não pensou nisso quando foi mexer com a namorada dos outros?

Sapo – Não foi nada disso.

Cravo – Agora você vai ver!

Sapo – Não. Por favor, Cravo, não.

O Sapo, pra se safar,
Derruba o Cravo no chão.
Os bichos vêm protestar,
Pensando que é agressão.

Joaninha – Olha lá! Agora, o Sapo resolveu devorar o Cravo.

Grilo – Vamos buscar ajuda. *(Saem.)*

Cravo – Seu bandido! Pensa que sou uma florzinha delicada? Vais conhecer a ira de um Cravo ofendido!

Tapa-esbarra-escapa-o Sapo.
Garra-agarra-amarra-o Cravo.
Papo-só-não-é-sopapo.
Só-corrido-ri-do-soco-bravo.

Sapo – Deixa eu explicar.

Cravo – Não vai explicar nada. Em nome da minha honra, vou te ensinar uma lição.

Urra-empurra-surra.
Safa-não-um
safanão.
Cai-que-cai-que-ai-ai-ai.

Cravo – Fui gravemente atingido. Oh, estou arruinado!
(Desfalece.)

Sapo – Desculpe, Cravo. Desculpe. Eu não tive a intenção de te machucar. Sou um trapalhão mesmo. Nada do que eu faço dá certo.

Entra um batalhão esquisito,
Com Grilo, Joaninha, Mosquito,
Em posição perigosa,
Comandados pela Aranhosa.

Grilo – Aqui estão eles!

Dona Aranha no trompete,
Chama o povo, que promete
Ir ao encalço do rapaz.
Pobre Sapo apavorado,
Pensa que deu tudo errado,
Sai na frente, a tropa atrás.

(Saem.)

Cena 7
Tristeza Geral

O Cravo desperta, sozinho.

Cravo – Que vergonha! Quanta humilhação! Como poderei viver assim? Como vou olhar com dignidade para os meus companheiros de jardim? Traído por minha amada e derrotado por meu rival. De que me vale a vida se nada mais me resta? De que me vale a luz do sol se a visão me nega qualquer beleza? De que me vale o canto dos pássaros se, aos meus ouvidos, parecem um lamento triste? Para meu deleite, nada mais existe. Entregue a meu lamento, sucumbo em meu fracasso.

Ele desmaia. Entra a aranha, cantando desanimada.

Aranha – Na...aana, ne...eeené...éém
Que a cu...uuca...aa vem pe...eega...aar
Papa...aai...ii fo...ooi...ii pra...aa ro...ooça..
Ma...aamãe...ee foi...ii tra...aaba...aalhar

Do outro lado do jardim, estão todos muito ocupados. Estou ficando desconfiada de que esse pessoal não gosta de carreira solo. Preciso arranjar uma dupla.

Na...aana, ne...eené...éém
Que a cu...uuca...aa vem pe...eega...aar...

A Aranha encontra o Cravo.

Aranha – Mas, o que é isso? É o Cravo! Cravo! Acorda! O que ele faz dormindo aqui no chão? Ei! Psiu! Hummm... Tive uma ideia! Vou cantar para embalar seus sonhos. Quem sabe ele acorda encantado comigo? Como brigou com a Rosa, pode ser que se encante por mim, e faremos uma bela dupla. *(canta)* Bo... ooi, boi...ii, bo...ooi...ii... Boi...ii da ca...aara pre...eeta...aa...

Ao longe, escuta-se um canto melancólico.

Rosa – Ó Rosa, Rosa amarela, ó Rosa amarela eu sou. Sou a Rosa amarela, Cravo branco é meu amor.

Aranha – Ih... Lá vem aquela enxerida, com sua vozinha irritante. Vou esconder o Cravo atrás deste arbusto para que ela não o acorde antes de mim.

A aranha sai, carregando o Cravo. Entra a Rosa.

Rosa – Ó Rosa, Rosa amarela, ó Rosa amarela eu sou. Sou a Rosa amarela, Cravo branco é meu amor.

Lá vem a lua saindo, por detrás da sacristia,
Deu no Cravo, deu na Rosa, sem amor não há mais dia.

Cantar para quê? Não há cantiga que possa alegrar meu coração. Oh, Cravo, motivo da minha alegria, por que teimas em me entristecer? Por que pensas mal de mim se nunca te dei motivo para isso? Que ciúme tão forte é esse que te deixa cego? Que não permite que enxergues que o amor que sinto por ti é maior do que o número de estrelas que enfeitam o céu? Como me

faz falta a tua voz, acompanhando a minha, em nossas canções... Onde está o teu perfume que combina tão bem com o meu? Não tenho mais motivo para cantar.

Ao ouvir tal confissão,
Surge a Aranha atrás do arbusto,
Com tamanha afobação,
Que prega, na Rosa, um susto.

Rosa – Ah!

Aranha – Calma, Rosa. Sou eu.

Rosa – A senhora me assustou!

Aranha – Desculpe, não era a minha intenção. Eu estava fazendo uma teia aqui atrás e não pude deixar de ouvir tu dizeres que não vais mais cantar.

Rosa – É verdade. Não tenho mais motivo para isso.

Aranha – Tu deves estar cansada. É stress. Cantar, cantar e cantar, acaba enjoando. Às vezes, o melhor é escutar os outros cantarem.

Rosa – Eu não tenho mais ânimo para cantar. Sem o Cravo, cantar me deixa muito triste.

Aranha – É uma pena, mas não se deixe abalar. Vamos mandar essa tristeza embora. Vou cantar um pouco para alegrá-la.

Rosa – Muito obrigada, mas acho que não vai adiantar muito.

Aranha – Ora, é claro que vai. Relaxe e aprecie essa bela canção:

Borbole...eeta voa...aando, pa...aarecendo
embala...aar
Paisa...aagens enfei...iitando, flutu...
uuando...oo no a...aarrr

Lá, lá...ááá, lá...áá, lá...áá, lá, lá, lá...áá, lá, lá...áá

Cena 8
A Venenosa

Entra o sapo.

Sapo – Ah, te encontrei, sua esganiçada! Agora eu vou te obrigar a contar essa história direitinho para todo mundo.

Aranha – Que história? Acho que tu estás me confundindo com alguém, ou, então, estás ficando biruta mesmo.

Sapo – Eu vou te mostrar uma coisa. Dessa vez eu te pego.

Aranha – Socooorroooo!!!!!

Entram os outros bichos.

Joaninha – Olha lá, o Sapão está atacando de novo a coitadinha da Aranha.

Grilo – Vamos impedí-lo.

Joaninha – Deixa ela em paz, seu bobalhão!

Aranha – Ajudem-me, amigos!

Grilo – Agora a gente vai te dar uma lição.

De tudo quanto é lado,
Vem golpe, tapa, sopapo.
Fica todo lanhado,
Chora tristonho o sapo.

Percebe a Aranha, decerto,
Todo o mundo boquiaberto,
Ao ver tamanha maldade,
Tal requinte de crueldade.
Olha pros lados, disfarça,
E tenta manter sua farsa.

Joaninha e Grilo – Atacar!

Rosa – Parem com isso.

Aranha – Peguem ele! Isso mesmo! Vamos acabar com esse Sapo mau! Puxa ele pra cá! Joga ele pra lá! Dêem uma lição no sapão! Não precisa ter pena. Acabem com ele!

Rosa – Já chega, dona Aranha!

Aranha – Pois é, acho que já chega, né? É bom não exagerar. Ele já entendeu que isso não deve se repetir. Não é, seu Sapo?

Joaninha – Coitadinho, acho que a gente foi longe demais.

Grilo – Ele nem revidou os tapas que levou.

Joaninha – Vai ver, nem estava querendo devorar a Aranhosa.

Grilo – Ela foi mais má do que ele.

Aranha – Eu? Fui atacada e agora sou má?

Rosa – Essa história está mal contada.

Joaninha – Pobrezinho. Ele não para de chorar.

Para dar uma lição,
Na Aranha e sua ladainha,
Capricha na afinação,
A dupla Grilo e Joaninha.

Aranha – Calma. Calma. Fiquem todos calmos. Tudo bem, seu Sapo, não precisa mais chorar. Eu perdoo o senhor. Mas que isso não se repita, hein? Para melhorar o nosso humor e aproveitarmos que estamos todos juntos, nada melhor do que um pequeno show. E para provar que não estou magoada, não vou cobrar ingresso de ninguém. Aceitem esse humilde presente.

O tre...eem ma...aaluco...oo qua...aando...oo sa...aai de Pernambu...uuco...oo

Va...aai fa...aazendo chi...iique-chi...iique até... éé chega...aar no Ceará...áá

Rebo...oola pa...aai, rebo...oola mãe...ee, re... eebo...oola...aa filha...aa

Eu...uu ta...aambém so...oou...uu da...aa fa... aamíli...iia...aa...

Joaninha e Grilo –

Dona Aranha subiu pela parede.
Veio a chuva forte e a derrubou.
Já passou a chuva, o sol está surgindo,
E a Dona Aranha continua a subir.
Ela é teimosa e desobediente.
Sobe, sobe, sobe, nunca está contente.

Aranha – Está quase bom. Se vocês treinarem um pouco, vai ficar melhor. Por enquanto, deixem que eu canto: O me...eeu...uu chapé...ééu...uu tem três po... oonta...aasss...

Todos – Chega!!!

Joaninha – Mas é teimosa mesmo. Insiste em continuar cantando.

Grilo – Deve ser surda, pra não escutar que tem uma voz de taquara rachada.

Joaninha – Por que ela não aproveita que sabe fazer teia e vira rendeira?

Grilo e Joaninha –

Olê mulher rendeira, olê mulher rendá.
Tu me ensina a fazer renda,
Que eu te ensino a namorar.

Joaninha – Tu queres namorar com ela?

Grilo – Eu não. Imagina ter que escutar essa gritaria todo o dia.

Joaninha – Deus o livre!

Grilo – Isso é que iria ser sofrimento.

Aranha – Seus grosseirões. Vocês não entendem nada de música. Na-da!

Sapo – Viu, Aranhosa? Não adiantou nada me enganar e fazer o Cravo e a Rosa brigarem. Tu cantas muito mal e ninguém quer te escutar.

Rosa – Que história é essa?

Aranha – Eu não sei de nada. É tudo intriga desse sapo nojento.

Sapo – Não é nada. Ela inventou que eu devia ficar perfumado como a Rosa para que os insetos se aproximassem de mim.

Grilo – Que papo furado.

Sapo – Eu acreditei que, se ganhasse um beijo da Rosa, ficaria impregnado com seu perfume e atrairia um monte de mosquinhas pra minha pança.

Joaninha – Só pensa em comer!

Sapo – Pois é. Fiquei encantado com a ideia de a comida vir até mim e fui pedir um beijo à Rosa. A Aranhosa inventou uma história pro Cravo, ele ficou morrendo de ciúmes, e os dois acabaram brigando.

Cena 9
Cravo e Rosa

O Grilo entra atrás do arbusto.

Grilo – Olha só quem está aqui, o Cravo. Parece estar dormindo. Como não acordou com todo esse barulho? Acorda, Cravo, acorda! Ajudem, amigos. Ele não está acordando. Acho que está desmaiado.

O Sapo busca o Cravo nos braços.

Sapo – Que confusão! Quando isso vai acabar?

A Aranha tenta sair de fininho.
O Grilo impede.

Grilo – Aonde tu pensas que vais?

Aranha – Eu já volto.

Joaninha – Não, senhora. Vai ficar aqui e explicar essa história direitinho!

Rosa – Cravo, meu amor, o que houve contigo? *(para a Aranha)* O que fizeste para ele, venenosa? *(para os outros)* Ela estava atrás do arbusto quando eu cheguei.

Aranha – Eu não fiz nada.

Sapo – Cara de pau. A culpa de tudo isso é tua!

Aranha – Eu não pensei que ele estivesse desmaiado. Pensei que estivesse dormindo.

Sapo – Garanto que o Cravo desmaiou de desgosto, por causa de tuas intrigas. Agora, todo o jardim está triste.

Grilo – Pobre Cravo.

Joaninha – Pobre Rosa.

Aranha – Eu só queria ser famosa.

Suspira todo o jardim
Em tom de melancolia.
Dona Aranha baixa a crista,
Toca o trompete e, por fim,
Integrada à melodia,
Revela sua alma de artista.

A Rosa volta a cantar,
E o trompete a acompanha.
Todos ficam a admirar:
Talentosa, a Dona Aranha!
Que continue a tocar
E que deixe de artimanha.

O Cravo é despertado pela voz de sua amada.

Joaninha, Grilo, Sapo e Rosa –

O Cravo brigou com a Rosa debaixo de uma sacada.
O Cravo saiu ferido, e a Rosa, despetalada.
O Cravo ficou doente, a Rosa foi visitar.
O Cravo teve um desmaio, e a Rosa pôs-se a chorar.

Rosa – Eu faria qualquer coisa, meu amor, pra que ficasses novamente ao meu lado.

Rosa – Se esta rua, se esta rua fosse minha,
Eu mandava, eu mandava ladrilhar
Com pedrinhas, com pedrinhas de brilhantes,
Só pro meu, só pro meu amor passar.
Nessa rua, nessa rua tem um bosque
Que se chama, que se chama solidão.
Dentro dele, dentro dele mora um anjo,
Que roubou, que roubou meu coração.

Cravo – Se eu roubei, se eu roubei teu coração,
Tu roubaste, tu roubaste o meu também.
Se eu roubei, se eu roubei teu coração,
É porque, é porque te quero bem.

Cravo – Querida Rosa, quisera eu que não tivesses chorado por minha causa. Perdoa-me. O ciúme subiu à minha cabeça e acabei te magoando.

Rosa – Está bem, Cravo. Nada é mais importante do que a alegria de te ver novamente ao meu lado. Mas não permitas que isso se repita. Se não fosses tão ciumento, não terias acreditado nessa história. Tu sabes que eu te amo.

Cravo – Sei que agi errado. Fui orgulhoso e cego. Também ao senhor Sapo peço perdão.

Sapo – Fico feliz porque essa briga acabou. Não vou mais acreditar nas mentiras dessa venenosa! Fui muito ingênuo.

Aranha – Ingênuo, nada. Tu és guloso e preguiçoso. Querias ficar no bem-bom esperando que as mosquinhas viessem ao teu encontro, só por estares perfumado como a Rosa.

Cravo – Então foi isso? Que tramoia feia!

Joaninha – Para que fazer uma maldade dessas?

Grilo – Matei a charada! Entendi tudo. A Aranhosa queria que o Cravo e a Rosa brigassem, então, ficariam tristes, deixariam de cantar, e ela seria a única cantora do jardim. Por isso, ela encheu nossos ouvidos com sua cantoria desafinada.

Aranha – Eu só queria cantar e ninguém queria me ouvir.

Cravo – E para isso precisava fazer com que todos brigassem?

Aranha – Eu queria ser uma estrela. Queria que todos gostassem de mim. Daí, eu teria um montão de amigos, como vocês têm. Mas, desisto. Já sei que sou uma desafinada e nunca vou ser admirada como vocês.

Rosa – Mas a senhora não tem amigos porque está sempre inventando mentiras e intrigas.

Aranha – E porque tenho voz de taquara rachada. Todo mundo sabe cantar menos eu.

Deixa o trompete de lado,
A Dona Aranha, chateada.
Joaninha assopra um bocado,
Se esforça, mas não sai nada.

Joaninha – Em compensação, a senhora é a única que sabe tocar trompete.

Cravo – Cada um tem suas habilidades. Eu não sei saltar como o sapo.

Sapo – E eu não canto como o Grilo e o Cravo.

Grilo – Já eu, não sei tocar cavaquinho e nem violão.

Joaninha – Eu não sei dançar e cantar como a Dona Rosa.

Rosa – E eu, além de não saber tocar trompete, não subo aí onde a senhora está, de jeito nenhum.

Combina a turma reunida,
Preparar um desafio.
Com uma vara comprida,
Na teia, no último fio,
O trompete é pendurado,
Que a Aranha tome cuidado!

Cravo – Vamos, Dona Aranha! Pegue o seu trompete e vamos nos divertir!

Cena 10

Viva a Diversidade

A Aranha atravessa a teia,
Com jeito de equilibrista.
Deixa atônita a plateia.
Além de ser trompetista,
Manda ver na corda bamba.
Essa garota dá samba!

Grilo – Todo mundo tem talento,
Também tem dificuldade.
Cada coisa em seu momento,
Com problema e qualidade.
Ninguém é igual na vida,
Eis aqui uma verdade.
Mais bonita e colorida,
É a nossa diversidade.

Muito alegres, todos cantam, tocam e dançam.

Pai Francisco entrou na roda
Tocando seu violão,

Vem de lá seu delegado,
Pai Francisco foi pra prisão.
Como ele vem todo requebrado,
Parece um boneco desengonçado.
Havia uma barata na careca do vovô,
Assim que ela me viu bateu asas e voou.
Seu Joaquim-quirimquim, da perna tortaratá,
Dançando valsarassá com a Maricotaratá.
Atirei o pau no gato-to,
Mas o gato-to não morreu-reu-reu.
Dona Chica-ca admirou-se-se,
Do berro do berro que o gato deu.
Lá vem o Seu Noé comandando o batalhão,

Macaco vem sentado na cacunda do leão.
O gato faz miau, miau, miau.
O cachorro faz au, au, au, au, au.
O peru faz glu, glu e o carneiro faz mé,
E o galo garnisé queré, queré, qué, qué qué, qué.
Borboletinha tá na cozinha,
Fazendo chocolate para a madrinha.
Poti-poti, perna-de-pau,
Olho de vidro e nariz de pica-pau, pau, pau.

FIM

VAMOS CANTAR?

Oi, pessoal. Gostaram de nossa história? Quem sabe vocês resolvem brincar de teatro com os amigos? Seria muito legal! Agora, vamos cantar?

As cantigas que estão nesse livro são muito antigas. Ninguém sabe quem as escreveu. Na verdade, cada uma delas foi criada por muitas pessoas, pois cada um canta do seu jeitinho desde o tempo de nossas tatatataravós... Por isso, às vezes, encontramos a mesma música com letras um pouco diferentes.

Apresentamos aqui algumas possibilidades pra vocês cantarem, mas existem outras maneiras. Todas as versões fazem parte do nosso folclore e são muito bacanas.

Aprendam essas canções e depois perguntem para seus pais, avós e amigos se conhecem outras que não estão nesse livro. Existem muitas e muitas cantigas e brincadeiras folclóricas.

Divirtam-se!

Pirulito que bate, bate

Pirulito que bate, bate,
Pirulito que já bateu,Quem gosta de mim é ela,
Quem gosta dela sou eu.

Fui no Itororó

Fui no Itororó beber água e não achei.
Achei bela morena que no Itororó deixei.
Acredite minha gente, uma noite não é nada,
Se não dormir agora
Dormirá de madrugada.
Ó, Mariazinha, Ó, Mariazinha,
Entrarás na roda e ficarás sozinha.
Sozinha eu não fico, nem hei de ficar,
Tenho o Joãozinho para ser meu par.

Ó maninha

Você gosta de mim, ó maninha?
Eu também de você, ó maninha!
Vou pedir a seu pai, ó maninha!
Para casar com você, ó maninha!

Se ele disser que sim, ó maninha,
Tratarei dos papéis, ó maninha.
Se ele disser que não, ó maninha,
Morrerei de paixão, ó maninha.

Palma, palma, palma, maninha,
Pé, pé, pé, ó maninha,
Roda, roda, roda, maninha,
Abraça quem quiser.

Sambalelê

Sambalelê tá doente,
Tá com a cabeça quebrada.
Sambalelê precisava,
De umas dezoito lambadas.
Samba, samba, samba, ô Lelê,
Samba, samba, samba, ô Lalá,
Samba, samba, samba, ô Lelê,
Pisa na barra da saia , ô Lalá.

Ó Morena bonita,
Como é que se namora?
Põe o lencinho no bolso,
Deixa a pontinha de fora.

Ó Morena Bonita,
Como é que se casa?
Põe o véu na cabeça,
Depois dá o fora de casa.

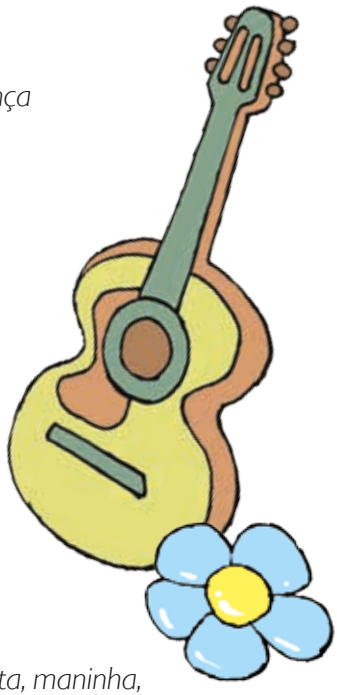
Ó Morena bonita,
Como é que se cozinha?
Bota a panela no fogo,
Vai conversar com a vizinha.

Ó Morena bonita,
Onde é que você mora?
Moro na praia formosa,
Digo adeus e vou embora.

Samba, samba, samba, ô Lelê,
Samba, samba, samba, ô Lalá,
Samba, samba, samba, ô Lelê,
Pisa na barra da saia , ô Lalá.

Tutu Marambá

Tutu Marambá
Não venha mais cá,
Que a mãe da criança
Te manda matar.



Roda Cutia

Roda Cutia,
De noite e de dia,
Comendo melancia
Na casa da titia.

Sapo Cururu

Sapo Cururu
Na beira do rio,
Quando o sapo canta, maninha,
É porque tá frio.
A mulher do sapo
Deve estar lá dentro,
fazendo rendinha, maninha,
Para o casamento.

Terezinha de Jesus

Terezinha de Jesus, numa queda foi ao chão,
Acudiram três cavalheiros, todos os três chapéu na mão.
O primeiro foi seu pai, o segundo, seu irmão;
O terceiro foi aquele que a Teresa deu a mão.
Da laranja quero um gomo, da maçã quero um pedaço,
Da morena mais bonita quero um beijo e um abraço.

Marré de Si

Eu sou pobre, pobre, pobre de marré, marré, marré.
Eu sou pobre, pobre, pobre de marré de si.
Eu sou rica, rica, rica de marré, marré, marré.
Eu sou rica, rica, rica de marré de si.
Vim aqui para pedir uma de vossas filhas,
Uma de vossas filhas de marré de si.
Minhas filhas eu não dou, nem por ouro,
Nem por prata, nem por sangue de lagarta!

Ciranda, Cirandinha

Ciranda, Cirandinha,
Vamos todos cirandar.
Vamos dar a meia-volta,
Volta e meia vamos dar.
O anel que tu me deste era vidro e se quebrou.
O amor que tu me tinhas era pouco e se acabou.
Por isso Dona Ciranda entre dentro dessa roda,
Diga um verso bem bonito,
Diga adeus e vá se embora.

Laranjeira

Laranjeira pequenina
Carregadinha de flores,
Eu também sou pequenina,
Carregadinha de amores.

Peixe Vivo

Como pode um peixe vivo
Viver fora da água fria?
Como pode um peixe vivo
Viver fora da água fria?
Como poderei viver,
Como poderei viver,
Sem a tua, sem a tua,
Sem a tua companhia?

Caranguejo

Caranguejo não é peixe.
Caranguejo peixe é.
Caranguejo só é peixe
Na enchente da maré!

O sapo não lava o pé

O sapo não lava o pé.
Não lava porque não quer.
Ele mora lá na lagoa,
Não lava o pé porque não quer.
Mas que chulé!

Escravos de Jó

Escravos de Jó
Jogavam cachangá.
Tira, bota,
Deixa o Zé Pereira que se vá.
Guerreiros com guerreiros
Fazem zigue, zigue, zá.
Guerreiros com guerreiros
Fazem zigue, zigue, zá.

Menina quando tu fores

Menina, quando tu fores,
Me escrevas pelo caminho.
Se não tiveres papel,
Nas asas de um passarinho.
Do bico faz um tinteiro,
Da língua, pena dourada,
Dos dentes, letras miúdas,
Dos olhos, cartas fechadas.

Nana neném

Nana neném,
Que a cuca vem pegar.
Papai foi pra roça,
Mamãe foi trabalhar.

Rosa amarela

Ó Rosa, Rosa amarela, ó Rosa amarela eu sou.
Sou a Rosa amarela, Cravo branco é meu amor.
Lá vem a lua saindo, por detrás da sacristia,
Deu no Cravo, deu na Rosa, sem amor não há mais dia.

Pezinho

Ai bota aqui, ai bota ali,
O seu pezinho.
O seu pezinho bem juntinho com o meu,
Ai bota aqui, ai bota ali,
O seu pezinho.
O seu pezinho bem juntinho com o meu.
E depois não vá dizer
Que você já me esqueceu.
E depois não vá dizer
Que você já me esqueceu.

Borboleta

Borboleta voando,
Parecendo embalar,
Paisagens enfeitando,
Flutuando no ar.
Trá-lá-lá-lá-lá,
Trá-lá-lá-lá-lá.

O Trem Maluco

O trem maluco quando sai de Pernambuco,
Vai fazendo chique-chique até chegar no Ceará.
Rebola pai, rebola mãe, rebola filha,
Eu também sou da família,
Também quero rebolar.
Um pouquinho de Coca-Cola,
Um pouquinho de guaraná.
O macaco foi pra escola
Aprender o be-a-bá.

Dona Aranha

Dona Aranha subiu pela parede
Veio a chuva forte e a derrubou.
Já passou a chuva, o sol está surgindo,
E a Dona Aranha continua a subir.
Ela é teimosa e desobediente.
Sobe, sobe, sobe, nunca está contente.

O Meu Chapéu

O meu chapéu tem três pontas.
Tem três pontas o meu chapéu.
Se não tivesse três pontas,
Não seria o meu chapéu.

Mulher Rendeira

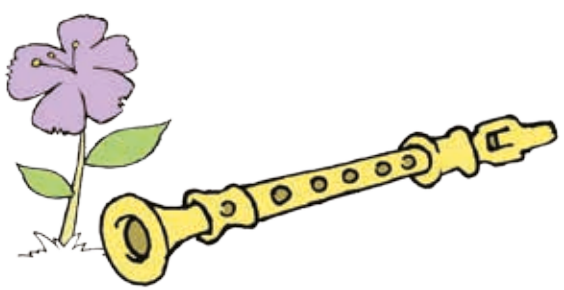
Olê mulher rendeira,
Olê mulher rendá.
Tu me ensina a fazer renda,
Que eu te ensino a namorar.

O Cravo brigou com a Rosa

Cravo brigou com a Rosa debaixo de uma sacada.
O Cravo saiu ferido, e a Rosa, despetalada.
O Cravo ficou doente, a Rosa foi visitar.
O Cravo teve um desmaio, e a Rosa pôs-se a chorar.

Se esta rua fosse minha

Se esta rua, se esta rua fosse minha,
Eu mandava, eu mandava ladrilhar
Com pedrinhas, com pedrinhas de brilhantes,
Só pro meu, só pro meu amor passar.
Nessa rua, nessa rua tem um bosque
Que se chama, que se chama solidão.
Dentro dele, dentro dele mora um anjo,
Que roubou, que roubou meu coração.
Se eu roubei, se eu roubei teu coração,
Tu roubaste, tu roubaste o meu também.
Se eu roubei, se eu roubei teu coração,
É porque, é porque te quero bem.



Pai Francisco

Pai Francisco entrou na roda
Tocando seu violão,
Vem de lá seu delegado,
Pai Francisco foi pra prisão.
Como ele vem todo requebrado,
Parece um boneco desengonçado.

Havia uma Barata

Havia uma barata na careca do vovô,
Assim que ela me viu bateu asas e voou.
Seu Joaquim-quirimquim, da perna tortaratá,
Dançando valsarassá com a Maricotaratá.

Atirei o pau no gato

Atirei o pau no gato-to,
Mas o gato-to não morreu-reu-reu.
Dona Chica-ca admirou-se-se,
Do berro do berro que o gato deu: miau!

Seu Noé

Lá vem o Seu Noé comandando o batalhão,
Macaco vem sentado na cacunda do leão.
O gato faz miau, miau, miau.
O cachorro faz au, au, au, au, au.
O peru faz glu, glu e o carneiro faz mé,
E o galo garnisé queré, queré, qué, qué qué, qué.

Borboletinha

Borboletinha tá na cozinha,
Fazendo chocolate para a madrinha.
Poti-poti, perna de pau,
Olho de vidro e nariz de pica-pau, pau, pau.

Agradecimentos

Éd RosaS,
Henrique Rosa Juguero,
Jessé Oliveira,
Ana Cláudia Bernarecki,
Diego Neimar,
Maico Silveira,
Ravena Dutra,
Rodrigo Marquez,
Valquíria Cardoso,
Wagner Madeira,
Marlene Goidanich,
Raquel Cappelletto,
Sayô Martins,
Sílvio Ramão,
Toneco da Costa,
Élcio Rossini,
Thaís Baum,
Vilmar Carvalho,
Famílias Juguero e Martins,
Francisco Velnecker,
Cláudio Janta,
Edith Afonso Marques,
Débora Rodrigues,
Dilmar Messias,
Jorge Vieira,
Roze Paz,
pessoal da Feira do Livro de Porto Alegre,
FUMPROARTE e SESC/RS.

A primeira montagem

Canto de Cravo e Rosa foi montada pela primeira vez pelo Bando de Brincantes, em 2007. O espetáculo, ainda em cartaz em 2009, data da publicação desse livro, foi dirigido por Jessé Oliveira.

A peça é repleta de músicas, executadas ao vivo, com instrumentos convencionais e artesanais.

A movimentação também remete ao jogo presente em autos populares, repleta de acrobacias e de expressão corporal estilizada.

As cenas têm um visual pictórico impactante. São usados recursos de iluminação, máscaras, acrobacias e mudanças de figurinos, que criam diversos efeitos plásticos para a construção desse mundo encantado e envolvente.

FICHA TÉCNICA

Dramaturgia
Viviane Juguero

Direção
Jessé Oliveira

Elenco em 2007
Ana Cláudia Bernarecki, Éd RosaS, Maico Silveira, Rodrigo Marquez, Viviane Juguero e Wagner Santos

Elenco em 2008 (1)
Ana Cláudia Bernarecki, Diego Neimar, Éd RosaS, Maico Silveira, Rodrigo Marquez e Valquíria Cardoso

Elenco em 2008 (2)
Ana Cláudia Bernarecki, Diego Neimar, Éd RosaS, Ravena Dutra, Rodrigo Marquez e Valquíria Cardoso

Elenco em 2009
Ana Cláudia Bernarecki, Diego Neimar, Éd RosaS, Ravena Dutra, Rodrigo Marquez e Viviane Juguero

Direção Musical
Toneco da Costa

Preparação Vocal
Marlene Goidanich

Cenários
Élcio Rossini

Figurinos
Raquel Cappelletto

Máscaras, bonecos e acessórios
Sayô Martins

Iluminação
Jessé Oliveira

Operação de Luz
Sílvio Ramão

Criação Gráfica
Ricardo Machado e Thaís Baum

Fotos
Vilmar Carvalho (entre outros)

Produção e Divulgação
Delta V Produções

Informações sobre todas as apresentações realizadas pela montagem do BANDO DE BRINCANTES, fotos, vídeos promocionais, propostas artística e pedagógica, críticas e muito mais podem ser visualizados em

cantodecravoerosa.blogspot.com

Canto de Cravo e Rosa

foi composto nas fontes Gill Sans,
Amazon, Heartbreacker e impresso em
papel Reciclatto, 120gr/m^3,
em outubro de 2009.

Libretos

Arquivo pessoal

Ricardo Machado

40 anos, desenhista atuante no mercado editorial e publicitário, dirige o Estúdio Quixote, em Porto Alegre.

Sobre o
Canto de Cravo e Rosa,
Ricardo comenta:

"Instrumentos de sopro, sapos gulosos, formigas cantantes, grilos falantes, violões e joaninhas, aranhas de ponta-cabeça.... minhas cores e rabiscos nunca se divertiram tanto."

www.estudioquixote.com.br

Arquivo pessoal

Viviane Juguero

33 anos, artista, produtora e administradora cultural, atua na área desde 1994.

Bacharel em Interpretação Teatral e Especialista em Teoria do Teatro pela UFRGS, possui diversos cursos de extensão em Música.

Diretora do Teatro de Arena de Porto Alegre, faz parte da diretoria do SATED/RS e da equipe do Circo Girassol. É idealizadora e coordenadora do Bando de Brincantes.

Pesquisadora de temas relacionados à produção de arte e à educação artística para crianças, é autora de textos, atividades lúdicas, jogos e canções infantis.

Ministra cursos para crianças, professores e artistas.

vivianejuguero.blogspot.com

O Cravo brigou com a Rosa,
E o jardim ficou sem canção.
Tramoia da Aranha venenosa,
Bobice do Sapo Comilão.

Essa história tem folclore e cultura
Como será o fim da aventura?
Só sei que cor tem de sobra
E muita cantiga de roda!

Co-Realização

PRODUÇÕES DELTA V.

BANDO DE BRINCANTES

QUIXOTE

Patrocínio Cultural

SINDEC A FORÇA DO COMERCIÁRIO

FORÇA SINDICAL

Apoio

Espaço Mão Santa Arte & Gastronomia

Propaganda Futebol Clube
A gente brinca em serviço.

ISBN 978-85-88412-28-6